Os Males do Capitalismo e o Remédio Marxista

A propósito de uma entrevista de Joan Robinson

Santiago Fernandes

“Creio que o futuro aprenderá mais do espírito de Gesell do que do de Marx. A resposta ao marxismo se encontra em sua obra “A Ordem Econômica Natural”.

Keynes - 1936 (1)

A longa entrevista concedida ao JB (*Caderno Especial*, 16.09.79) pela eminente economista inglesa, professora emérita da Universidade de Cambridge, quando de sua visita ao Brasil, teve considerável repercussão em nossos círculos políticos, econômicos e jornalísticos. O próprio título, *sui-generis* e paradoxal, dado à entrevista, “JOAN ROBINSON ACHA QUE O MARXISMO É A SOLUÇÃO PARA O CAPITALISMO. SÓ QUE OS MARXISTAS ATRAPALHAM”, contribuiu para isso. Entretanto, a análise atenta da argumentação ali apresentada dá margem a controvérsia. Não só da parte dos seguidores de Marx, como também dos familiarizados com o pensamento anterior de Joan Robinson, com os equívocos básicos da análise econômica de Marx, em meio aos seus acertos, e, sobretudo, com os princípios do “socialismo não-marxista” de Silvio Gesell. É desse socialismo que nos fala Keynes, em sua “Teoria Geral” como resposta não apenas ao Marxismo mas também ao Capitalismo, preservando a Economia de Mercado. (2)

Desnecessário é dizer, com relação à entrevista de Joan Robinson, que não se desconsidera o aspecto informal (mas não "off the record") do diálogo da economista com o representante do JB. Leva-se em conta também o texto original inglês da palestra formal de Joan Robinson, com o título "*Marxism and Modern Economics*", no encontro internacional de cientistas sociais e filósofos, realizado em Brasília, no mês de setembro, bem como outros pronunciamentos seus, posteriores, no Rio e em São Paulo. De qualquer maneira, examinaremos aqui somente o texto da entrevista, tal como publicado no responsável "Caderno" dominical do JB, sem outro objetivo que o de estimular a reflexão daqueles que se preocupam com o pensamento de Marx relacionado com os problemas do mundo moderno.

A ESSÊNCIA DA ENTREVISTA

Em meio a observações altamente pertinentes relativas à crise mundial e ao Capitalismo desequilibrado em que vivemos, declarou Joan Robinson ao JB, em sintonia com o título da entrevista: "Grande parte da solução para os problemas do capital está na *alternativa marxista*, mas os marxistas, por sua vez, perderam a objetividade ao tratar o marxismo como uma religião. *Não se pode analisar o século XX através de textos escritos no século XIX*" (Grifos nossos).

Desde já, duas questões se levantam. Parece difícil separar o espírito de Marx do de seus seguidores e se não podemos tratar problemas de hoje com textos do século XIX, como então encontrar nas obras de Marx solução para eles? Todavia, Joan Robinson insiste nessa proposição, ao mesmo tempo que faz justa crítica, a nosso ver, ao "monetarismo" de Friedman e à economia de Samuelson, assim como ao baixo nível do ensino de Economia Política no mundo acadêmico dos países desenvolvidos. Nesse sentido, afirmava também: "A teoria neo-clássica é fraca, ela não explica os motivos pelos quais aqui estamos em crise, nem nos aponta a saída para esta crise; *mas uma visão não-sectária de Marx pode oferecer-nos isso*". De outra parte, reitera: "*Este é o momento de voltar a Marx*. Ele conseguiu compreender a natureza do sistema capitalista. Os outros economistas — os economistas americanos — querem explicar e demonstrar que tudo está bem, que é assim mesmo". E acrescenta: "Nós vivemos hoje há 100 anos da época em que ele desenvolveu suas teorias e temos conhecimento das coisas em que acertou e das coisas em que errou".

Como se vê, Joan Robinson revela acreditar num marxismo positivo e não-sectário, como saída para a crise do mundo atual. Com relação a esta, declarava ainda: "No momento a crise é geral. Nos EUA tudo está confuso. Na Europa, tudo está muito confuso. Nós vivemos uma época de grande confusão".

Indagando-lhe então o JB como sair de tal "confusão", respondeu: "Realmente não sei. Se eu soubesse, já teria dito como, há muito tempo e principalmente já estaria colocando em prática a possível solução". Resposta algo surpreendente, em face das afirmações anteriores da entrevistada, relativas à alternativa marxista não-sectária como saída para a crise ou para os grandes males do capitalismo, apesar de não haver dado a economista qualquer indicação sobre a natureza desta alternativa. Mas voltou a sugerir, de forma indireta, que a solução se encontra em Marx. Perguntada como via o sistema soviético, replicou: "Os soviéticos também têm seus problemas e o principal deles é exatamente aquele a que já me referi: a falta de objetividade dos marxistas". Salientava então: "Os marxistas que pensam, *que têm algo* de novo a dizer, estão fora dos países socialistas e não têm suficiente prestígio político para modifica no que quer que seja". (Grifo nosso).

Ora, se os marxistas e os estudiosos não-sectários da obra de Marx no mundo capitalista, como Joan Robinson, "têm algo de novo a dizer" para o mundo soviético, parece evidente, pelo mesmo raciocínio, ligado ao que antes fora dito sobre a saída para os males do Capitalismo, que eles o têm também para o mundo capitalista. Portanto, é deles que se esperariam propostas concretas para atacar a crise e fazer sair da confusão o mundo ocidental. Notadamente de Joan Robinson, que reúne as duas qualidades por ela indicadas como indispensáveis para isso, a saber, conhecimento não-sectário, da obra de Marx, e prestígio internacional que não lhe falta como celebridade que é no mundo acadêmico mundial dedicado à Economia Política, a partir de sua obra "*Economics of Imperfect Competition*".

Curiosamente, porém, por outro lado, Joan Robinson faz esta observação cética sobre os economistas marxistas fora da órbita do marxismo totalitário: "Nós tivemos muitos bons historiadores marxistas, mas em Economia os marxistas tentaram reduzir toda a filosofia de Marx a uma fórmula, e, conseqüentemente, tolheram toda e qualquer chance de evolução do marxismo, como método e como sistema". Se válida essa tese, seriam escassas as possibilidades de

melhoria econômica do mundo capitalista e soviético, porque, segundo a entrevistada, economistas marxistas não-sectários não existem. Como então, sair do impasse? De acordo com a argumentação desenvolvida, a solução estaria nos economistas independentes como ela própria, conhecedores do método, dos erros e acertos da teoria econômica de Marx. Contudo, Joan Robinson nos oferece judicioso caminho, nesta passagem: "A minha idéia era aproximar as duas correntes, de modo que uns pudessem se beneficiar da compreensão abrangente de Marx e os outros da análise ocidental. Esta seria uma maneira de acabar com o marxismo literário e ridículo que anda por aí". Verifica-se, assim, que agora admite Joan Robinson que também economistas do mundo capitalista têm algo a oferecer ao Marxismo.

A RESPONSABILIDADE DE KEYNES

Não obstante a crítica severa aos economistas marxistas e "burgueses". Joan Robinson destaca a contribuição do autor da "Teoria Geral" dizendo: "Nós fizemos muito progresso com Keynes, suas idéias de pleno emprego, administração econômica, etc, durante 25 anos, isto é, de 1945 a 1970. O capitalismo — prosseguiu — foi muito bem-sucedido, apesar do desperdício, apesar da pobreza e da miséria de partes substanciais da população. Agora, — conclui — tudo isso se perdeu". Mas, por que se perdeu? A nosso ver, grande parcela de responsabilidade cabe ao próprio Keynes, como indicaremos adiante.

Antes, porém, notemos que Joan Robinson faz singular afirmação, fruto talvez de seu "humor" britânico, quando declara que no Brasil, o capitalismo foi "muitíssimo bem-sucedido" com o chamado "milagre" econômico. E logo contrasta tal afirmação com esta outra, que constitui sua negação da forma mais eloquente: "Ao mesmo tempo o país tem um nível de pobreza assustador, há regiões inteiras onde as pessoas simplesmente não tem o que comer".

Sem dúvida, para a *minoría* constituída por homens de negócio, especuladores e banqueiros — estes últimos verdadeiramente representativos do Capitalismo, segundo a análise de Gesell e de Keynes — foi "muitíssimo bem sucedido" o capitalismo da inflação, dos altos juros e lucros, e da contenção de salários. Mas para a *maioría* da população brasileira relegada a condições infra-humanas de vida, pela iníqua distribuição de renda, gerada pela inflação contínua das últimas 3 décadas, é óbvio que o capitalismo em nosso país longe está de ter sido "bem sucedido".

De qualquer maneira, Joan Robinson torna a referir-se ao autor da "Teoria Geral". "A política de Keynes — diz ela — era controlar os investimentos e operar com a distribuição de renda, de modo que, com menos investimentos, você tinha uma distribuição de renda melhor e mantinha os índices de emprego". No entanto, acrescentava: "Há um outro problema agravando a crise geral de nosso tempo: o fato de que absolutamente todos os países do mundo têm problemas com suas balanças de comércio exterior. Isso gera uma espécie de contágio da crise".

No que tange aos males econômicos a que se refere Joan Robinson, nas duas passagens relativas a Keynes, parece-nos que cumprira aos economistas independentes do mundo capitalista e aos marxistas não-sectários, denunciar e já aludida responsabilidade deste, por suas omissões e contradições. Particularmente na Conferência de Bretton Woods (1944), ao apoiar — contrariando suas próprias idéias — um organismo monetário internacional, o FMI, ligado a erros básicos da economia clássica e de Marx. Foi esse organismo que trouxe o desequilíbrio no comércio exterior a que se referiu Joan Robinson. O equilíbrio poderia ser obtido, porém, com a adoção das linhas mestres do projeto de Keynes para uma Câmara Mundial de Compensação (*International Clearing Union*) 1943, conhecido como Plano Keynes. Esse plano, o melhor apresentando antes de Bretton Woods, foi, lamentavelmente, posto de lado por Keynes naquela conferência. Isto em função dos interesses dos países do Império Britânico na época, relacionados com a produção do ouro, bem como dos interesses e preconceitos dos EUA e da União Soviética — então presente à Conferência — em favor da moeda vinculada àquele metal.

Sobrepondo ali sua função de chefe da delegação do Reino Unido à de cientista da Economia Política, Keynes viu-se compelido a abandonar seu plano. Este, no entanto, propunha engenhoso e racional mecanismo ligado à teoria monetária de Silvio Gesell — ou seja, a aplicação de um juro negativo, isto é, uma penalidade sobre os saldos credores do comércio das nações, centralizados e contabilizados naquela Câmara — e a criação de uma nova moeda internacional, "Bancor". Com isto visava o Plano Keynes facilitar a manutenção de um contínuo equilíbrio e expansão do comércio internacional, estimulando os credores (através do "juro negativo"), a comprar das nações devedoras. Mostrava também ser absolutamente desnecessária a utilização do ouro como moeda internacional. Algo julgado indispensável pelos economistas clássicos e por Marx. (3) Eliminava,

também, o conceito de “moeda de reserva” que hoje dá a algumas moedas, especialmente ao dólar, privilégios que beneficiam, de modo particular os EUA e os banqueiros internacionais, em detrimento das nações menos desenvolvidas. Desse modo, ao dar apoio à criação do FMI, junto com os EUA e a URSS, definindo a paridade das moedas em termos de ouro (relacionado com o valor do dólar), Keynes concorreu, em nosso entender, para manter a Economia Política no deplorável estado em que se encontra, ao mesmo tempo que contradizia as idéias positivas de seus livros e de seu Plano.

As omissões e contradições de Keynes foram evidenciadas em capítulos de nosso livro “Ouro, Relíquia Barbara”, com sub-título “De Bretton Woods ao FMI no Rio” (1967). É eloquente o fato de que seu próprio biógrafo e amigo, o economista de Oxford, Sir Roy Harrod, escrevia em sua “*The Life of John Maynard Keynes*”: “Houve também queixas em Bretton Woods de que ele abandonava a causa progressista para sujar seus dedos com um plano (o FMI) que envolvia o ouro (*by soiling his fingers with a scheme involving gold* — p. 144).

Como consequência disso, continuou o mundo, até nossos dias, preso a errôneos conceitos da teoria clássica e de Marx, para o qual só o ouro podia exercer a função de moeda, e esta, a de “reserva de valor”. Embora, os EUA, em 1971, rompessem com a conversibilidade do ouro dólar em ouro e vice-versa, continuaram mantendo vastos estoques de metal em Fort Knox, enquanto os Bancos Centrais da maioria das nações européias, e o do Japão, prestigiando o ouro, conservam, ainda hoje, largas quantidades do mesmo, como reserva monetária. Contribuem, assim, em função da atual crise econômica mundial, para a espantosa especulação que tem elevado o preço do ouro a níveis artificialmente absurdos. O que resulta em alto benefício para nações como a União Soviética e a África do Sul — as maiores produtoras desse metal — cujos regimes políticos não primam pelo respeito aos direitos humanos, particularmente o último, com seu “*apartheid*”.

O FMI E O MARXISMO

A denúncia das omissões e contradições de Keynes, bem como da irracionalidade do sistema monetário e bancário internacional, sob a égide do FMI, e a substituição deste organismo pelo que há de positivo no Plano Keynes, deveriam constituir, a nosso ver, o *passo inicial* para outras reformas, no âmbito interno das nações, a fim de

levar — dentro de uma racional e equilibrada economia de mercado — à transformação do Capitalismo, com base nos princípios do “socialismo não-marxista” de Gesell, ou seja, na expressão de Keynes, à eutanásia do opressivo poder cumulativo do capitalista de explorar o valor de escassez de capital”. (4) A dupla denúncia, com este objetivo, porém, dificilmente poderá vir dos marxistas e da União Soviética, bem como dos EUA e outros países favorecidos pelo atual sistema, a despeito da atual crise mundial. Pois que, quanto aos primeiros, se razão assiste a Joan Robinson quando afirma, em sua entrevista, que os marxistas transformaram as obras de Marx em “Escrituras Sagradas”, então pouco deles se poderá esperar. Isto porque denunciar Keynes e um sistema ainda preso a conceitos falsos de Economia Clássica, implica em reconhecer os erros básicos de Marx ao aceitar, como válidos, aqueles conceitos, relativos à teoria do valor, trabalho, da moeda, juros, bancos, etc. rejeitados, no entanto, pelo socialismo “não-marxista” de Gesell, como indica Keynes, (5).

A própria Joan Robinson, em sua obra “*Rate of Interest*” (Mac Millan, 1952) confirma que Marx aceitou a teoria do valor de Ricardo, ligada ao conceito de moeda-ouro, como unidade de conta (em termos de tempo de trabalho). Textualmente, observa Joan Robinson: “Marx adotou de Ricardo a concepção do valor trabalho do dinheiro/ouro/ e acrescentou à mistificação ao calcular em termos de valor (*and added to the mystification by reckoning in terms of the money value of value* — pg. 146). De modo igualmente algo obscuro para os menos especializados, escrevia Joan Robinson à pág. 145.: “*A Revolução Keynesiana* que separa a “Teoria Geral” tanto de Marx quanto de Ricardo, foi a adoção do valor monetário do trabalho em lugar do valor-trabalho do dinheiro/ouro/ como unidade de conta”.

Como, pois, esperar possa vir dos marxistas e denúncia das contradições de Keynes e da irracionalidade do FMI, se isso implica em admitir as falhas da teoria econômica de Marx e ferir interesses da União Soviética? O mesmo se pode dizer das nações desenvolvidas, interessadas em manter os atuais privilégios, bem como de seus economistas defensores do *establishment*, como indicam os livros de Friedman e Samuelson, ainda ligados à Economia tradicional, quanto ao juro, bancos privados etc.

Dado, pois, que essas duas poderosas forças antagônicas — marxistas, URSS, etc., de um lado, e nações capitalistas e seus economistas, de outro — estão paradoxalmente unidas, em interesses e erros de

teoria econômica, é evidente que não poderá haver progresso na ciência econômica na teoria e na prática, conseqüentemente, progresso equilibrado do povos. Aqui parece valer a observação da dialética de Marx (nunca claramente definida) em sua inconsistente polêmica contra Proudhon, *"Miséria da Filosofia"*: "Sem antagonismo não há progresso". (*Pas d'antagonisme, pas de progrès*). Eloquente expressão do que desejamos transmitir está no fato de que o maior inimigo do socialismo marxista e apologista do capitalismo, do juro e do padrão ouro, o economista Ludwig von Mises, invoca, em seu conhecido livro *"The Theory of Money and Credit"* a autoridade de Marx para defender a moeda metálica.

OS GRANDES HERÉTICOS

Antes de encerrar estas considerações a propósito da extensa entrevista de Joan Robinson ao JB, queremos louvar o grande serviço por ela prestado ao nosso meio universitário com sua crítica contundente ao nível do ensino da Economia no mundo ocidental, ensino que ela não hesitou em chamar de "idiota". Em nossa opinião, se os países sub-desenvolvidos e dependentes desejam uma "nova ordem econômica mundial" — da qual, mais uma vez, se voltou a falar na recente reunião do FMI em Belgrado, particularmente, o chamado "grupo dos 77" — terão que exigir a transformação radical desse organismo, seguindo as linhas centrais sugeridas pelo Plano Keynes. Igualmente deveriam voltar seu ensino de Economia Política não apenas para os consagrados compêndios vindos dos países desenvolvidos, ou para os livros de Marx, mas também para as obras dos grandes "heréticos", quase ou totalmente desconhecidos ou marginalizados nesses compêndios. Referimo-nos a J. P. Proudhon, o grande adversário de Marx — cujo pensamento contra a moeda metálica, o juro e os bancos privados, o autor de "O Capital" nunca compreendeu — e o alemão Silvio Gesell, discípulo declarado do socialista francês, e ainda o pioneiro da Economia Política, Pierre de Boisguillebert. Só recentemente redescoberto na França, é este o precursor da teoria monetária do "socialismo não marxista" e do que há de positivo em Keynes, cuja "Teoria Geral", por sua obscuridade, é escassamente utilizada como compêndio.

Em suma, são esses os três grandes heréticos que têm algo de novo a oferecer, aos quais se poderia também adicionar o próprio Keynes, quando depurado de suas obscuridades e contradições. Dos três mencionados, Keynes só se refere favoravelmente a Gesell. Os demais heréticos por ele citados — Mandeville, Malthus, Hobson e Douglas —

são criticados por não terem uma consistente teoria da moeda e do juro. Em seu conhecido ensaio sobre Malthus, Keynes declara, na parte final, que as idéias deste só teriam consistência na hipótese de uma *taxa de juros igual a zero*. Como desejavam Proudhon e Gesell, pela afirmação de princípios monetários de Boisguillebert, a fim de evitar o problema da "armadilha da liquidez" (*liquidity trap*). Esta pode levar à depressão econômica ao ser eliminado o processo inflacionário, revelando assim não possuir o sistema atual, com a teoria vigente da moeda e do juro, mecanismo algum de segurança, tanto no plano nacional como internacional. Daí a gangorra da inflação e da recessão a que está sujeita a economia dos povos, com prejuízo de uns e benefícios de outros.

-
- 1) "*General theory of Employment, Interest and Money*", p. 355.
 - 2) "Concordo com Gesell em que suprir falhas da economia clássica (aceitas por Marx) não significa pôr de lado o Sistema de Manchester, isto é, a Economia de Mercado". Keynes, "*General Theory*" p. 379.
 - 3) Sobre os erros de Marx, ver cap. X de nosso "Ouro, a Relíquia Barbara".
 - 4) "*General Theory*" p. 376.
 - 5) Idem, p. 355.
 - 6) Sobre Proudhon como precursor de Keynes ver "*Keynes and Proudhon*" de D. Dillard em "*The Journal of Economic History*", maio 1942.